

XXIX

A VISÃO DE FRANCISCO

Enquanto Narcisa consolava o doente aflito, fui informado de que me chamavam ao aparelho de comunicações urbanas.

Era a senhora Laura que pedia notícias. De fato, esquecera-me avisar sobre as deliberações de serviço noturno. Pedi desculpas a minha benfeitora e forneci rápido relatório verbal da nova situação. Através do fio, a progenitora de Lísias parecia exultar, compartilhando meu justo contentamento.

Ao término de nossa ligeira conversa, disse bondosa:

— Muito bem, meu filho! apaixone-se pelo seu trabalho, embriague-se de serviço útil. Sómente assim atenderemos à nossa edificação eterna. Lembre, porém, que esta casa também lhe pertence.

Aquelas palavras encheram-me de nobres estímulos. Regressando ao contacto directo com os enfermos, notei Narcisa a lutar heroicamente por acalmar um rapaz que revelava singulares distúrbios.

Procurei ajudá-la.

O póbrezinho, de olhos perdidos no espaço, gritava espantadigo:

— Acudam-me, por amor de Deus! Tenho medo, medo!...

E, olhar esgaseado dos que experimentam profundas sensações de pavor, acentuava:

— Irmã Narcisa, lá vem "ele", o monstro! Sinto os

vermes novamente! "Ele!" "Ele!..." Livre-me "dele", irmã! não quero! não quero!..."

— Calma, Francisco — pedia a companheira dos infortunados — você vai libertar-se, ganhar muita serenidade e alegria, mas depende do seu esforço. Faça de conta que a sua mente é uma esponja embebida em vinagre. É necessário expelir a substância azeda. Ajuda-lo-ei a fazê-lo, mas o trabalho mais intenso cabe a você mesmo.

O doente mostrava boa vontade, acalmava-se enquanto ouvia os conceitos carinhosos, mas voltava à mesma palidez de antes, prorrumpendo em novas exclamações:

— Mas, irmã, repare bem... "ele" não me deixa. Já voltou a atormentar-me! Veja, veja!...

— Estou-o vendo, Francisco — respondia ela, corada — mas é indispensável que você me ajude a expulsá-lo.

— Este fantasma diabólico!... — acrescentava a chorar como criança, provocando compaixão.

— Confiar em Jesus e esquecer o monstro — dizia a irmã dos infelizes, piedosamente. — Vamos ao passo. O fantasma fugirá de nós.

E aplicou-lhe fluidos salutares e reconfortadores que Francisco agradeceu, manifestando imensa alegria no olhar.

— Agora — disse ele, finda a operação magnética — estou mais tranquilo.

Narcisa agitou-lhe os travesseiros, mandou que uma serva lhe trouxesse água magnetizada.

Aquela exemplificação da enfermeira edificava-me. O bem, como o mal, em toda parte, estabelece misterioso contágio.

Observando-me o sincero desejo de aprender, Narcisa aproximou-se mais, mostrando-se disposta a iniciá-me nos sublimes segredos do serviço.

— A quem se refere o doente? — indaguei impressionado — Está, porventura, assediado por alguma sombra invisível ao meu olhar?

A velha servidora das Camaras de Retificação sorriu carinhosamente e falou:

— Trata-se do seu proprio cadaver.

— Que me diz? — tornei espantado.

— O pobrezinho era excessivamente apegado ao corpo fisico e veio para a esfera espiritual após um desastre, oriundo de pura imprudencia. Esteve, durante muitos dias, ao lado dos despojos, em pleno sepulcro, sem se conformar á situação diversa. — Queria firmemente levantar o corpo hirtó, tal o imperio da ilusão em que vivera e, nesse triste esforço, gastou muito tempo. Amedrontava-se com a idéa de enfrentar o desconhecido e não conseguia acumular nem mesmo alguns átomos de desapêgo ás sensações fisicas. Não valeram socorros das esferas mais altas, porque fechava a zona mental a todo pensamento relativo á vida eterna. Por fim, os vermes fizeram-lhe experimentar tamanhos padecimentos que o pobre se afastou do tumulo, tomado de horror. Começou, então, a peregrinar nas zonas inferiores do Umbral; no entanto, os que lhe foram pais na Terra possuem aqui tanto, os que lhe foram pais na Terra possuem aqui grandes créditos espirituais e rogaram sua internação na colonia. Trouxeram-no os Samaritanos, quase á força. Seu estado, contudo, é ainda tão grave que não poderá ausentar-se, tão cedo, das Camaras de Retificação. O amigo, que lhe foi progenitor na carne, está presentemente em arriscada missão, distante de "Nosso Lar"...

— E vem visitar o doente? — perguntei.

— Já veio duas vezes e experimentei grande comoção, observando-lhe o sofrimento discreto. Tamanha é a perturbação do rapaz, que não reconheceu o pai generoso e dedicado. Gritava, aflito, mostrando a demencia dolorosa. O progenitor, que veio vê-lo em companhia do Ministro Pádus, do Ministerio da Comunicação, pareceu muito superior á condição humana, enquanto se encontrava com o nobre amigo que obtivera hospitalidade para o filho infeliz. Demoraram-se bastante, comentando a situação espiritual dos recém-chegados dos círculos carnaes. Mas, quando o Ministro Pádus se retirou, compelido por circunstancias de serviço, o pai do rapaz me pediu lhe perdoasse o gesto humano e ajoelhou-se diante

do enfermo. Tomou-lhe as mãos ansioso, como se estivesse a transmitir vigorosos fluidos vitais e beijou-lhe a face, chorando copiosamente. Não pude conter as lagrimas e retirei-me, deixando-os a sós. Não sei o que se passou, em seguida, entre ambos; mas notei que Francisco, desde esse dia, melhorou bastante. A demencia total reduziu-se a crises que são, agora, cada vez mais espaçadas.

— Como tudo isso comove! — exclamei sob forte impressão — entretanto, como pode a imagem do cadaver persegui-lo?

— A visão de Francisco — esclareceu a velhinha atenciosa —, é o pesadelo de muitos espiritos depois da morte carnal. Apegam-se demasiadamente ao corpo, não enxergam outra coisa, nem vivem senão dele e para ele, votando-lhe verdadeiro culto e vindo o sópro renovador, não o abandonam. Repelem quaisquer idéas de espiritualidade e lutam desesperadamente por conserva-lo. Surgem, no entanto, os vermes vorazes, e os expulsam. A essa altura, horrorizam-se do corpo e adotam nova attitude extremista. A visão do cadaver, porém, como forte criação mental deles mesmos, atormenta-os no imo da alma. Sobrevêm perturbações e crises, mais ou menos longas, e muito sofrem até a eliminação integral do seu fantasma.

Notando-me a comoção, Narcisca acrescentou:

— Graças ao Pai, venho aproveitando bastante, nestes ultimos anos de serviço. Ah! como é profundo o sono espiritual da maioria de nossos irmãos na carne! Isto, porém, deve preoccupar-nos, mas não deve ferir-nos. A crisálida cola-se á matéria inerte, mas a borboleta alarga o vôo; a semente é quase imperceptível e, no entanto, o carvalho será um gigante. A flor morta volta á terra, mas o perfume vive no céu. Todo embrião de vida parece dormir. Não devemos esquecer estas lições.

E Narcisca calou-se, sem que me atrevesse a interromper-lhe o silencio.